

O JOVEM POETA AFONSO LOPES VIEIRA EM "O DISTRICTO DE LEIRIA"

De Afonso Lopes Vieira sabe-se que foi um dos ilustres filhos da cidade de Leiria - nascido nas Cortes a 25 de Janeiro de 1878 - que escreveu alguns livros para crianças (*Os Animais Nossos Amigos*, *Bartolomeu Marinheiro*, *Canto Infantil*, *O Autozinho da Barca do Inferno*, *O conto de Amadiz de Portugal para os rapazes portugueses*), cujas composições os antigos compêndios do ensino primário divulgaram, e que muito amou a sua casa-nau de S. Pedro de Moel, onde o seu derradeiro título poético - *Onde a Terra se acaba e o Mar começa* - viu a luz do dia, na Primavera de 1940. No entanto, viveu grande parte da sua vida em Lisboa e lá viria a morrer, na sua casa do Largo da Rosa, a 26 de Janeiro de 1946, com 68 anos de idade acabados de fazer.

A sua vida foi uma caminhada larga e cheia, enriquecida pela Arte e por uma vontade inquebrável de a divulgar e de a partilhar com todos os portugueses. Formado em Direito, pela Universidade de Coimbra, apenas desempenhou o cargo de redactor da Câmara dos Deputados de 1900 a 1916, cargo que abandonou para se poder dedicar integralmente ao seu Ideal - a Literatura, a intervenção cívica, a defesa do nosso património artístico, o ensaio - a Beleza nas suas várias formas, através do sonho de "reaportuguesar Portugal tornando-o europeu". Afonso Lopes Vieira cumpriu à risca, ao longo de mais de meia centena de obras, entre poesia e prosa, a sua vontade de educar o presente com os exemplos do passado, e de aí encontrar as fortes raízes para um novo futuro, o que terá feito dele um "neo-Garrett" (como propôs Alberto de Oliveira) e o ligou ao nacionalismo literário da geração de 90 e ao movimento do Integralismo Lusitano.

Mas, se é verdade que o seu pensamento se aparentou, por vezes, com correntes estéticas e políticas da época (que souberam encontrar na obra de A.L.V. os pilares estéticos de que necessitavam para se erguerem e chegarem ao público leitor), também é certo que o seu percurso foi essencialmente um percurso solitário, obedecendo a um programa de acção por si traçado, e que nada nem ninguém poderiam fazer alterar. E esse programa consistiu, acima de tudo, num programa de humanidade, num mundo de valores, num sonho de esteta, para quem a Beleza é sempre o princípio e o fim de todas as coisas.

Ora, se alguma coisa se sabe da vasta obra de A.L.V., sabe-se a partir dos seus primeiros livros de versos: *Para Quê?*, de 1897, e *Náufrago*, de 1898, repletos de um certo decadentismo finissecular, a que se seguiria o título elucidativo da orientação do poeta - *O Poeta Saudade*, de 1901. Com *O Encoberto*, de 1905, e *Ar Livre*, de 1906, A.L.V. entra numa nova fase poética, virada para o real exterior com o seu peso de injustiças e a sua revolta perante a dificuldade de alcançar o Ideal. Com *Canções do Vento e do Sol*, de 1911, *Ilhas de Bruma*, de 1917, *País Lilás*, *Desterro Azul*, de 1922, é a sua veia simbolista ao serviço do questionamento das raízes nacionais, veia que aparece revigorada e com uma luz ainda mais profunda no seu último livro *Onde a Terra se acaba e o Mar começa*, de 1940.

Conhecem-se as suas traduções e adaptações, através das quais procura restituir à nossa língua obras que considerava portuguesas pelo espírito, como *O Romance de Amadis*, de 1923, e *A Diana* de Jorge de Montemor, de 1924. Aliás, já a sua *Campanha Vicentina*, de 1914, tinha demonstrado o seu esforço heróico para repor em cena um Gil Vicente, representante máximo de uma dramaturgia que depois dele ninguém tinha conseguido igualar. Os seus diversos e estimulantes ensaios, quase todos reunidos em dois grossos volumes - *Em Demanda do Graal*, de 1922, e *Nova Demanda do Graal*, de 1942 - demonstram bem a sua cruzada em prol da arte e da sensibilidade portuguesas, de que ele sempre se considerou o nosso esforçado D. Quixote.

Estas são algumas das linhas de que se entretetece a vida e a obra deste Poeta, já que a sua melhor biografia está, talvez, na obra a que dedicou todo o seu tempo terreno. Por isso me pareceu interessante desvendar aqui uma face-fase oculta deste A.L.V. que sempre visionamos circunspecto e melancólico - adulto já feito - como nos retratos de Columbano, de Eduardo Malta ou de Adriano Sousa Lopes. Estou a referir-me ao jovem poeta Afonso, menino de quinze e dezasseis anos, que faz a sua estreia poética no semanário *O Districto de Leiria*, "periódico político, administrativo e noticioso" (CABRAL, *Anais [...]*, p.273), cujo fundador foi o Dr. Afonso Xavier Lopes Vieira, seu pai, e que tinha como redactor responsável, na época, António Campos Júnior.

Na secção denominada "Variedades", entre Outubro de 1893 e Agosto de 1894, encontrámos sete composições inéditas (inéditas no sentido de que nunca apareceram publicadas em livro), assinadas por A.L.V., ao lado de nomes consagrados como Guerra Junqueiro, Gomes Leal, João de Deus, Bulhão Pato, Tomás Ribeiro, Almeida Garrett, Victor Hugo, Chateaubriand, etc., o que nos diz já bastante do futuro promissor que espera este jovem estreante. Poderíamos incluir nesta fase juvenil uma outra composição, também inédita, uma Canção - "Ao fresco som de rústicas cantigas" - que foi publicada no folheto *Leiria*, número único, que saiu em 24 de Junho de 1894, ou ainda algumas composições

inéditas, quase sempre sonetos, uma canção ("Canção Outomnal") e algumas quadras, que são publicados no *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro*, dirigido pelo poeta António Xavier Rodrigues Cordeiro, tio-avô de Afonso, a partir de 1895, mas isso arrastaria consideravelmente os nossos propósitos de brevidade.

No entanto, esta notícia da estreia literária do menino Afonso em publicações periódicas leirienses (que podem ser consultados na Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Leiria), não fará estranhar aqueles que conhecem o amor da família pela província querida e nunca abandonada (estou a pensar na casa das Cortes e nas temporadas que nela passava toda a família, assim como o próprio A.L.V. numa das suas fases de "expatriado na pátria"). Cedo se tinham revelado os dotes jornalísticos e literários do menino Afonso, que se auto-intitulava o redactor-director de dois jornais manuscritos para consumo de amigos e familiares - *A Vespa*, de que a Biblioteca Municipal de Leiria Afonso Lopes Vieira conserva dois exemplares do nº 2, e *O Estudante*, do qual a mesma biblioteca possui vários exemplares dos nºs 1 a 7, do 1º ano, e dos nºs 8 a 21, do 2º ano, embora os nºs 10, 11, 19 e 20 da colecção não estejam presentes. Pequenas notícias do dia-a-dia, as últimas novidades sociais, algumas anedotas e alguns pensamentos, tal o âmbito destes "jornaizinhos", que revelam bem a vontade de comunicar com os outros, de partilhar o seu mundo, que sempre habitou em A.L.V.

Artur Lobo de Campos, no seu artigo do *In Memoriam* a A.L.V., "Infância e Juventude", refere-se à redacção de um "quinzenário manuscrito" que Afonso, então com a idade de doze a treze anos, nas férias grandes, distribuiria pelas famílias e amigos mais íntimos, onde "eram postos em evidência os acontecimentos da praia, por Ele comentados com o mais saboroso espírito infantil" (CAMPOS, *In Memoriam*, p.14). Segundo ainda o mesmo autor, este quinzenário, de que teriam aparecido 5 números, "era enriquecido com uma secção de quadras, para as serenatas da praia, algumas sem assinatura e em louvor das raparigas mais formosas, cujo autor (que desde sempre revelou talento e bom gosto) todos adivinhavam quem era" (*ibidem*). Infelizmente, deste quinzenário não conseguimos encontrar nenhum exemplar entre os vários manuscritos que possui a Biblioteca A.L.V., mas a semelhança da descrição com o que encontrámos em *A Vespa* e *O Estudante* é notável.

Afonso teria também projectado, no Verão de 1893, publicar o seu primeiro livro de versos, denominado *Sete Estrelo*, livro esse que nunca chegou a ver a luz do dia, e onde deveriam estar incluídas as suas composições dos doze aos quinze anos. Segundo A. L. Campos, muitas dessas composições foram rasgadas, mercê da ânsia de perfeição de A.L.V., e apenas algumas foram incluídas no *Para Quê?*, efectivamente o seu primeiro livro de poesias.

A minha hipótese é que estas sete composições encontradas em *O Districto de Leiria* correspondam a uma fatia das que A.L.V. destinava ao livro *Sete Estrelo* e que, por isso, acabaram por ficar inéditas. Todas elas nos revelam um Afonso ainda Romântico, leitor de Almeida Garrett e de Victor Hugo, embora nalguns casos chegue a tocar no mundo de Antero de Quental e na ironia de Cesário Verde, autores que também admirava. O Afonso-menino não tinha ainda entrado pelos caminhos da desilusão e desespero do fim-de-século; era ainda a voz de um adolescente esperançado no seu Ideal, que assume quase sempre a imagem de uma Mulher, a mulher-amada, a mulher-anjo dos Românticos, figura essa que terá tendência a desaparecer da obra adulta de A.L.V., ou, pelo menos, a perder o relevo que aqui assume.

Vejamos o soneto "ADORAÇÃO", com a data inscrita de 11 de Outubro de 1893 - os quinze anos de Afonso.

ADORAÇÃO
A M. L. DE A.

É branca como a espuma do Oceano
A sua cutis fina e setinosa;
E como é bello o seu perfil romano,
E a sua bocca - esse botão de rosa...

Os olhos, negros, meigos, inquietos,
São da cor dos cabellos ondedos;
E ha um mixto de ternura e mil affectos...
No sorriso dos labios carminados.

Vejo-a no Céu em limpida miragem
E se durmo, é ainda a sua imagem
Que vem pousar-me, de noite, á cabeceira;

Ó meu sonhado ideal! Ó minh`amada!
Deixa beijar-te a bocca immaculada
E adorar-te, depois, a vida inteira!...

Lisboa, — 11 out. — 93.

Em primeiro lugar, devemos registar o facto de ele ser dedicado a alguém - M.L. de A. - provavelmente uma mulher, uma menina, por quem o jovem Afonso nutria sentimentos de affecto especiais. Por aqui, nesta confusão entre a vida e a literatura, entra o arquétipo romântico, que todo o soneto explora.

O retrato da amada é feito em comparação com a Natureza: a cor da sua pele é comparada à espuma do mar, e a da boca a um botão de rosa. As misturas de sensações - sinestésias - visuais, olfactivas e auditivas contaminam todo o poema: a cor e o barulho do mar, o cheiro e a cor do botão de rosa, os cabelos e os olhos negros, meigos e inquietos, a cor dos lábios. O lugar desta mulher é no céu, ou seja, o lugar do Ideal e do Sonho. Por isso

se utilizam as expressões "miragem", mas "límpida miragem", que a nitidez do retrato já tinha mostrado, e "imagem" nocturna, reflexo de um sonho que alimenta as noites do poeta - "E se durmo, é ainda a sua imagem / Que vem pousar-me, de noite, à cabeceira".

Se o retrato das duas primeiras quadras é fruto de uma visão de poeta - "vejo-a" - nem mesmo a ausência de visão, que o acto do sono pressupõe, libertam o poeta desta mulher, uma vez que ela se impõe nos próprios sonhos - "Ó meu sonhado ideal!". Rendido a esta mulher amada, o poeta dirige-se-lhe, numa apóstrofe final e conclusiva (último terceto), mostrando a sua vontade de se fundir com ela pela vida inteira, o que é simbolicamente representado através do beijo: "Ó meu sonhado ideal! Ó minh`amada / Deixa beijar-te a boca imaculada / E adorar-te, depois, a vida inteira!...". A "bocca immaculada" está do lado do "Céu" e da "Adoração" prestada a esta mulher-anjo, que tende a tornar-se eterna, o que é representado pela aspiração de uma "vida inteira".

Compreendemos que este imaginário romântico pouco diga ao poeta-adulto, para quem a figura feminina é praticamente sempre substituída por figuras míticas reveladoras de uma consciência nacional. Neste soneto é de um "eu" que se trata, uma primeira pessoa, egocêntrica, com as suas aspirações, e os seus sonhos. Depois será sempre a voz de toda uma nação, a que o "eu" se agrega e a quem dá expressão. O individualismo desta primeira fase de Afonso dará progressivamente lugar a uma diluição no colectivo, onde os anseios do "eu" são os anseios de todo um povo.

O outro soneto de Outubro de 1893 - "DUAS IMAGENS" - entra precisamente no mesmo registo do anterior.

DUAS IMAGENS

(A S. L.)

**Quando ás vezes contemplo, solitario,
A pallidez tão morbida da lua
Que na abob`da do ceu azul fluctua
Como um doirado e limpido sacrario...**

**E vejo o mar indómito, fremente,
Que canta um hymno lugubre, funereo,
Repassado d`um tom suave, ethereo,
Que nos echôa n`alma tristemente...**

**Vejo no mar, febril, convulsionado,
Arfando sem cessar, torvo, cansado,
A imagem d`esta vida angustiada...**

**E na lua que passa magestosa,
Olympica, serena e tão formosa,
Eu vejo a imagem tua, ó minh`amada!...**

Lisboa - out. 93.

Também aqui há uma dedicatória - a S.L. - que, pelo contexto do poema, deduzimos ser uma mulher. O sujeito do poema continua a ser um "eu", solitário, em contemplação do universo circundante, neste caso a lua e o mar. A lua aparece associada a uma imagem de religiosidade: "como um doirado e límpido sacrário"; o mar associado a um canto fúnebre "Que nos echôa n`alma tristemente...". A partir destas duas quadras, o sujeito poético faz uma associação metafórica nos dois tercetos - no primeiro, entre o mar e a vida "angustiada"; no segundo, entre a lua e a amada "Olympica, serena e tão formosa". Assim, os adjectivos utilizados para qualificar os elementos da natureza metamorfoseiam-se para falar de duas realidades existenciais: a vida, e o amor. E quem sai a ganhar é, sem dúvida, o amor, ou melhor, a amada, cuja imagem de serenidade se opõe à de angústia da vida.

Ora, a composição seguinte - "ILUSÃO PERDIDA" - publicada em Novembro de 1893, e desta vez sem dedicatória, parece-nos uma resposta aos dois sonetos anteriores.

ILLUSÃO PERDIDA

**Se vejo as aguas d`um rio
Serenas, e a deslisar
Murmurarem na passagem
Impellidas pela aragem
Até irem ter ao mar...**

**Eu penso que essas aguas
Que beijam os salgueiraes
Já nunca mais voltarão!
- Assim tu, doce illusão
Fugiste, - e não voltas mais!...**

Lisboa - 93.

Voltamos a ter um "eu", a Natureza, e, finalmente, a transposição do que se observa na Natureza para um "tu", identificado com as figuras anteriormente cantadas da mulher amada. Na primeira quintilha temos a imagem das águas do rio a deslisarem para o mar, que é uma imagem de serenidade, mas essa imagem é desfeita na segunda quintilha, quando se verifica que essas águas "Já nunca mais voltarão!". De novo por associação aparece a imagem da amada que, tal como as águas, fugiu e não mais voltará. Os dois versos finais explicam o título. Tudo não passou de uma "doce illusão".

Esta composição parece, pois, marcar o processo de um crescimento, ou de um amadurecimento, que os três sonetos seguintes vão pôr em evidência. Depois da "illusão perdida", o mundo vai ser observado com novos olhos, bem como o próprio amor.

No soneto publicado a 2 de Dezembro de 1893, sem título, aparecem duas iniciais - S.L. - idênticas às do soneto "DUAS IMAGENS".

S. L.

**Se volto ao mundo os olhos meus, cançados,
Vejo a realidade, muda e fria;
Não illumina o sol o immenso dia,
- O dia que amanhece aos desgraçados...**

**Vagueia nos espaços constellados
A sonhadora occulta, a phantasia,
Mas não acha na orbita vasia
Dois affectos seguros, dedicados.**

**Só tu, meu anjo, enxugas o meu pranto,
Só no teu seio puro e sacrosanto
A louca phantasia me repousa...**

**Por isso te amo, pomba estremecida!
Por isso eu por ti daria a vida...
Se esta vida valesse alguma cousa!...**

Lisboa - 93.

Agora o discurso poético constrói-se sob o signo das hipóteses e das adversativas: "se", "mas". Os olhos do sujeito poético já estão "cançados" de ver o mundo e a realidade, que se apresenta "muda e fria", sem sol. E aqui aparece uma primeira nota dessa voz colectiva, os outros, cujo dia "amanhece aos desgraçados...". É esta a primeira notação de que o real é doloroso, sobretudo para uma determinada faixa classificada como os "desgraçados".

A "phantasia" tem ainda espaço para existir, mas já não encontra a dedicação de que necessita. Ora, esta situação de angústia existencial tem, apesar de tudo, uma possibilidade exclusivista de solução - o repouso só é possível no seio "puro e sacrosanto" do "anjo" que "enxuga o pranto" do "eu". A mulher continua do lado do céu, mas o eu parece estar já do lado do purgatório. É precisamente este novo posicionamento que leva o eu a desvalorizar a vida, com um enfático "Se esta vida valesse alguma cousa!". Perante esta nova postura, o amor começa a ser uma fuga perante a vacuidade da vida.

No soneto "UMBRAE CADUNT", publicado a 16 de Dezembro de 1893, e com a data de Novembro, aparece a dedicatória a um homem - M.F. Varcas - o que faz mudar ligeiramente o registo.

UMBRAE CADUNT
(AO MEU EXmº AMIGO M. F. VARCAS)

Pouco e pouco da alma vão voando
Bellos sonhos da nossa Phantasia,
Tal como na roseira, dia a dia,
As rosas perfumadas vão murchando...

No horisonte, além, bruxuleando,
Vê-se a Esp`rança que outr`ora nos sorria;
E a noite silenciosa, eterna e fria
Sobre nós lentamente vem tombando...

Depois, quando do alto das ruínas,
Contemplamos, em noites crystallinas,
Todos os sonhos que a noss`alma adora,

Vemos fugindo ao longe a F`licidade;
E ao sentir-se preso da Saudade
O pobre coração soluça e chora...

Lisboa - Nov. 93.

O "eu" agora aparece associado a um "tu", num sujeito plural "nós", que parece ser o fruto de uma reflexão conjunta sobre a precariedade da vida, como o título clássico sugere. Neste soneto tudo tem um fim: os sonhos, que murcham como as rosas; a esperança, que já não sorri como outrora; a noite, que cobre o universo; a felicidade, que vai fugindo. Todo o vocabulário empregue aponta para essa situação de escurecimento progressivo: murchar, horizonte, bruxulear, noite, tombar, ruínas, fugir, soluçar e chorar.

Pela primeira vez aparece a palavra "saudade", que irá ser a mais usada na poética de A.L.V.. Aqui representa tudo o que ficou para trás, e era bom, e não voltará mais. É o coração que sente essa melancolia do passado e, por isso, chora e soluça. Estamos a ficar longe do clima de leveza do primeiro soneto. A felicidade agora conjuga-se no passado e só restam as sombras dela.

Daí que se compreenda que o terceiro soneto - "RECUERDO" - de Janeiro de 1894, seja apenas uma recordação do bem passado, que é tão mais dolorosa quanto se vê comparado com o pouco que o sujeito tem no hoje.

RECUERDO

Nós iamos os dois pelos caminhos
Cantando alegres, mãos entrelaçadas,
Soltando aos ventos infantis risadas
Vibrantes como a musica dos ninhos...

Tinhas as faces frescas como os linhos
Córando ao sol em loiras alvoradas,

E as tuas tranças negras, desatadas,
Ondeavam da brisa aos torvelinhos...

Depois tudo era sonho, riso, esp`rança,
Projectos loucos, beijos de creança,
Juramentos sem fim, e doidos zelos...

Mas de tudo que outr`ora assim sonhei
Sómente resta, ó noites que eu amei!
Um perfumado anel dos teus cabellos...

Lisboa - 93.

Na primeira quadra descreve-se um quadro de felicidade total, que abrange um eu e um tu, harmoniosamente confundidos num "nós" alegre, que canta, ri, passeia de "mãos entrelaçadas". No entanto o adjectivo "infantis" parece já aqui querer introduzir uma nota de ligeira disforia, o que se confirmará mais tarde, no último terceto.

Na segunda quadra faz-se um retrato do "tu", a amada, que está do lado da luz e do sol: fresco, branco, sol, alvorada; e do movimento: tranças desatadas, a ondear na brisa. O contraste entre a face como o linho e as tranças negras é mais um pormenor do gosto pela cor, que tanto preocupou A.L.V. O conjunto formado por este par, nomeado por "tudo", está do lado do mundo eufórico - sonho, riso, esperança; mas uma euforia na qual se pode ler já alguma impossibilidade, associada a sintagmas como "projectos loucos", "beijos de criança", "doidos zelos". A felicidade passada está destinada a não durar, e poderia até passar por um sonho, não fora a existência de um "perfumado anel dos teus cabellos", a única prova - a recordação - de que a felicidade existiu no passado.

A última composição considerada, três quintilhas denominadas "FERVET AMOR", publicadas em Agosto de 1894, pode bem ler-se como uma síntese desta fase juvenil.

FERVET AMOR

Nunca te fui cantar, nas madrugadas
Loiras e frescas do florido Abril,
Uma canção voluptuosa, estranha
Tal como outr`ora ás virgens desgrenhadas
Cantavam os poetas d`Allemanha...

De noite mesmo, quando o luar unctuososo
Alaga em leite o universo inteiro,
- Nas noites virginaes de Lua Nova, -
Nunca dedilho um bandolim chorôso,
Vibrante como a luz da minha Trova.

Sou mais modesto; obscuro trovador
Occulto n`esta humillima penumbra,
Ó pallida madona dos desejos!
Só sei cantar o sol do nosso amor
Nas rimas estrelladas dos teus beijos!...

O sujeito poético canta o amor, mas canta-o de uma forma clara, brilhante, e não como o faziam os "poetas d'Allemanha", com canções voluptuosas, estranhas. As marcas vocabulares do Romantismo continuam presentes - as virgens desgrenhadas, o luar untuoso, as noites virginais, o bandolim choroso - mas o sujeito poético define-se por oposição a esse mundo - "Sou mais modesto; obscuro trovador"; "Só sei cantar o sol do nosso amor / Nas rimas estrelladas dos teus beijos!...". Este vai ser realmente o futuro deste trovador: cantar através de rimas estreladas, do lado do sol e da vida, e, se ele é obscuro trovador, o mesmo não se poderá dizer da sua Trova: "Vibrante como a luz [...]".

Daqui para a frente o Afonso menino que vos tenho estado a ler irá dando lugar a um Afonso adulto, que canta as angústias e o desespero do seu povo, muito mais do que as suas próprias angústias ou as suas recordações amorosas. O narcisismo da escrita juvenil vai, aos poucos, ser substituído por uma capacidade de estar em conjunto, de dar a ler aos outros o mundo, e não apenas de mostrar o mundo do eu. O "poeta saudade" será o poeta da saudade de Portugal, já que Portugal se confundirá com o seu próprio coração.

É possível que tenha sido por considerar estas composições imaturas que A.L.V. as tenha rejeitado. Mas isso seria entrar em domínios vedados ao nosso conhecimento, e o que pretendi aqui fazer foi tão somente uma incursão numa face oculta do poeta A.L.V., que vale sobretudo por aquilo que nos revela do poeta - que também ele teve os seus sonhos românticos de felicidade a dois, embora cedo se apercebesse da perenidade de toda a alegria.

O caminho que se lhe abriu foi o caminho da saudade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

O DISTRICTO DE LEIRIA, N.ºs 603 (14-10-1893), 606 (4-11-1893), 608 (18-11-1893), 610 (2-12-1893), 612 (16-12-1893), 616 (18-1-1894), 648 (25-8-1894).

CABRAL, João, *Anais do Município de Leiria*, vol. III, 2ª ed. revista e aumentada, ed. da Câmara Municipal de Leiria, 1993.

IN MEMORIAM AFONSO LOPES VIEIRA 1878-1946, Liv. Sá da Costa ed., Lx., 1947.

Cristina Nobre licenciou-se em Línguas e Literaturas Modernas, na variante de Português-Francês, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em 1985. Fez o mestrado em Literatura Portuguesa, pela mesma Universidade, em 1990, com a apresentação da dissertação "*Contos e Histórias de Proveito e Exemplo* de Gonçalo Fernandes Trancoso - um texto instrutivo do século XVI". Actualmente prepara a sua tese de doutoramento, tendo como temática central a figura do escritor Afonso Lopes Vieira. É professora da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Leiria desde 1987. Colaborou com o pólo de Leiria da Universidade Católica durante o ano lectivo de 1993/94.